

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Frei Pedro Sinzig – o apóstolo da boa imprensa

Maria Margarete Santos¹

Universidade de São Paulo. Mestranda em História Social – DH/FFLCH/USP.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a história editorial através do personagem Frei Pedro Sinzig, diretor da *Editora Vozes*, de Petrópolis (1908-1913). Em sua gestão modernizou a editora trazendo da Alemanha a grande máquina de impressão *Windsbraut*, juntamente, com as máquinas de dobrar e costurar incrementando a publicação da *Revista Vozes de Petrópolis* (fundada em 1907) e de outras publicações como livros didáticos, romances, contos, novelas – todos enquadrados nos preceitos da religiosidade católica. Fundou também, a 29 de janeiro de 1910, *O Centro da Boa Imprensa*, “Sociedade Cooperativa de Produções, de responsabilidade limitada”, uma instituição brasileira cujo principal fim era o de propagar a boa imprensa e difundir a sã leitura, no território nacional.

Palavras-chaves: Editora Vozes; Centro da Boa Imprensa; Censura.

¹ Maria Margarete Santos: Mestranda em História Social – DH/FFLCH/USP. Especialização em EDUCOMUNICAÇÃO – ECA/USP e Produção de Multimeios para a Educação FAAC/UNESP – Campus Bauru. Pesquisadora CNPq.

*Para Rosa e José Mariano,
meus pais.*

Corre o ano de 1893, quando aporta no Brasil na cidade de Salvador o jovem religioso alemão Frei Pedro Sinzig². Esse jovem com apenas 17 anos não esconde os motivos que trouxeram a expedição religiosa para a “Terra de Santa Cruz”:

“A República, rompendo os vínculos que ligavam o Estado à Igreja, deu a esta a liberdade, embora não completa. Os claustros, porém, estavam desertos, muitos em ruína; de províncias inteiras restavam poucos religiosos, velhos e desanimados; dos franciscanos, outrora tão numerosos, e que deram ao Brasil nomes gloriosos na ciência e na tribuna, já não viviam senão oito.

*Estes, em carta dirigida ao Santo Padre em Roma, solicitaram religiosos estrangeiros, que viessem repovoar os conventos e salvá-los do desaparecimento. Leão XIII bondosamente anuiu ao pedido dos últimos franciscanos brasileiros, e encarregou o Capítulo Geral desta ordem, reunido em Roma, de satisfazê-lo”.*³

Liberdade, embora não completa, porque a República instaurada aboliu o regime de padroado. A Igreja liberta-se da necessidade de “aprovação” governamental para a publicação dos documentos enviados de Roma, da cobrança do dízimo pelo governo e a interferência do mesmo em todos os seus negócios, o qual reduzia o clero ao funcionalismo civil. Por outro lado, o catolicismo “perdeu” forças ao instalar a liberdade religiosa.

A expectativa da Igreja com seu novo papel dentro do Estado explicava-se, principalmente, porque o grupo que organizaria a nova Constituição inspirava-se no positivismo, logo a Igreja via este grupo como anticlerical. Os símbolos religiosos foram afastados de todos os edifícios públicos, a obrigatoriedade do casamento civil, a diminuição significativa de recursos (laicização do ensino público, secularização dos cemitérios, etc.), a

² Alemão de nascimento entrou para o seminário de Harreveld com 15 anos, onde vestiu o hábito de franciscano em 1892. No ano seguinte aportou em Salvador – Brasil (08 de junho de 1893). Eclético nas profissões: sacerdote franciscano, escritor, professor (Música e Teatro), jornalista, músico, um dos fundadores e diretores da *Editora Vozes de Petrópolis* e fundador do *Centro da Boa Imprensa*.

³ Sinzig, Pedro (Fr.). *Reminiscências de um frade*. Petrópolis, Vozes, 1925, p. 93.

necessidade de fomentar os seminários para o aumento do “rebanho” e o espectro em suas propriedades da expropriação, fez-se à necessidade de “repovoar” os claustros.⁴

Após alguns anos no nordeste, Sinzig foi transferido para o Sul, onde ficou um período significativo de sua vida no Brasil. Foi em Santa Catarina – Lajes – que iniciou, efetivamente, a sua luta com a imprensa não católica. Fundou em maio de 1902 o jornal *Cruzeiro do Sul*, tentando manter a propagação da boa imprensa e dos ideais católicos.

O jornal, dirigido e redigido por frei Pedro, fez denúncias sobre um crime local que envolvia um médico muito admirado e a suposta “compra de silêncio” do poder judiciário realizada por seus amigos (membros da sociedade de Lajes) e irmão. Denúncias que propiciou uma série de acusações via semanários. As autoridades civis e não civis recorreram ao Bispo Diocesano, a mais alta autoridade eclesiástica do Estado, para que tomasse as devidas providências com relação ao frei. O *Cruzeiro do Sul* suspendeu a sua publicação em novembro de 1905.

Frei Pedro teve que, forçosamente, adquirir uma rotina pacata. Continuou em Lajes como professor do Ginásio de São José, ministrando aulas de artes dramáticas e música, mantendo ainda, os seus ofícios como religioso. Em 1908, é transferido para a cidade serrana de Petrópolis (RJ). Mas se o objetivo da Igreja com essa transferência era “calar a boca” do frei, o tiro saiu pela culatra, porque o efeito foi o mesmo que colocar em sua boca um megafone.

No início de sua estadia, possuía como função ser o responsável pela *Tipografia da Escola Gratuita de São José* e redator da revista *Vozes de Petrópolis*. À frente da *Tipografia* a incrementa instalando as modernas máquinas de impressão, de costurar e de dobrar que trouxera de sua viagem à Alemanha. Mas como fez questão de ressaltar em suas reminiscências, com a autorização, financiamento e benção do Santo Padre Pio X.

Se a tipografia devia a sua existência ao frei Inácio Hinte, a sua propagação por todo o território nacional se deve ao frei Pedro Sinzig, que aciona a alavanca da impressão como administrador e como autor de uma série de livros. Talvez devido à escassez de material com base moral e religiosa, a sua grande linha de frente foram os livros didáticos. O Brasil,

⁴ Ver: Moura, Sérgio Lobo & Almeida, José Maria Gouvêa. “A Igreja na primeira República”. In: III. O Brasil Republicano – 2. Sociedade e Instituições (1889 – 1930). Fausto, Boris (Org.), Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997, p. 323-342.

Miceli, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

regido pelo regime republicano, inspirado no positivismo europeu, reproduzia em seus livros didáticos esta mentalidade, a qual foi julgada pelos franciscanos como inadequada. O livro didático obteve êxito nacional, estimulando os franciscanos a imprimirem obras de outros gêneros literários – romances, contos e novelas – que possuíam como função competirem com as obras realistas das editoras não católicas.

Neste contexto, o livro *Através dos Romances: guia para as consciências* de autoria do frei Pedro Sinzig e publicado pela *Editora Vozes* (edições: 1ª 1915, 2ª 1917 e 3ª 1923), leva-nos a fazer uma reflexão.

O livro possuía como pretensão a recomendação de leituras sadias para o leitor católico. Se por um lado havia as leituras permitidas de outro havia a censura – obras “com ressalvas” e “proibidas”. O seu “*Index*” e/ou discurso não era o discurso da Igreja Católica, mas, possivelmente, a expressão de uma de suas vertentes.

Os livros para Sinzig eram portadores de um veneno que corre pelas veias lentamente, e a hora que percebemos o seu efeito é tarde demais – o estrago já foi feito. Eles corrompiam a inocência, afastavam da virtude, favoreciam o crime, mas seu pior veneno era proporcionado pela identificação com os personagens envolvidos em “cenas lúbricas”.

Em seu “*Index*”, faz uso de muitas metáforas para alertar sobre o perigo romanesco e alguns dos pequenos capítulos assemelham-se muito as fábulas com fundo moral.

Frei Pedro vê os livros como “maçãs de faces vermelhas” – fruto do pecado – que na primeira mordida pode colocar a perder gerações inteiras. As livrarias são “grandes pomares pecaminosos” repletos de ervas daninhas. “O veneno”, vemos agir nas “faces rosadas das moças”, as quais ainda inocentes, perdem a “consciência” do que é certo e errado e não conseguem ocultar as sensações libidinosas. Quando os pais percebem muitas vezes é tarde a “flor da inocência murchou”.

Os “frutos podres” são os livros proibidos, que também denominava de “lixo literário”. Muitos dos autores que o frei considerava “lixo literário”, já eram consagrados pela crítica literária da época e alguns permanecem até hoje – Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, João do Rio, Júlia Lopes de Almeida, Afrânio Peixoto, entre outros. Segundo Sinzig, eram livros inspirados no materialismo cientificista que lançavam a grande maioria dos intelectuais brasileiros do período ao anticlericalismo militante. Resume esse período

como “*crise das consciências*”, onde o seu principal objetivo era “*tentar vencer o materialismo e naturalismo de nossa época; pois já perdemos hoje em dia o centro, o equilíbrio, a justa medida*”⁵.

As editoras são “árvores que dão frutos em pencas”, não prezam pela “castidade dos lares católicos”, mas preocupam-se apenas com as vendas destes “frutos envenenados”, sendo verdadeiras propagadoras do mal.

Há a pergunta inquietante – quais são as “árvores” que proporcionam “frutos bons”? Há árvores que não dão frutos em pencas, são pequenas e não muito vistosas, mas são plantadas em “pomares abençoados” e seus frutos são saborosos – as editoras católicas. Os “frutos envenenados” (livros classificados como “perigosos” e “com ressalvas”), plantados em “jardins profanos” (editoras não católicas) eram em sua grande maioria, de publicação da *Garnier* ou da *Francisco Alves*, editoras que se firmavam dentro deste cerrado mercado, desde a segunda metade do XIX. A empreitada do frei não foi apenas de leitor, mas sim de catalogação de obras e de intelectuais com expressividade na cultura do início do século XX. Dessa forma, em mensagem direta ou indireta, também fez uma propaganda dos seus “pomares abençoados” em detrimento dos “jardins profanos”.

A metáfora de “árvores que dão frutos em pencas” demonstra a proliferação das editoras não católicas no início do século XX na Capital Federal. Sinzig travou uma verdadeira batalha com as editoras católicas que fundou e dirigiu. Mas ao mesmo tempo em que travava uma luta de moralização “pela leitura sã” e de “preceitos morais”, as editoras católicas iniciavam publicações de romances, contos, novelas que competiam com os das editoras não católicas, ou seja, suas concorrentes diretas nas vendas.

Apesar da proliferação do mercado editorial, devemos ter em mente, que 80% da população nacional era constituída por analfabetos. Porém, na Capital da República em 1920, 61,1% eram alfabetizados – dados que mostram mais de 50% da população carioca alfabetizada. Óbvio, que ao trabalhar com dados estatísticos do período da efervescência republicana, devemos ficar atentos, pois a realidade do seu cotidiano não correspondia a tais índices. Havia uma enorme desigualdade social, a abolição feita há pouco e os negros

⁵ Sinzig, Pedro (Fr.). *Através dos Romances: guia para as consciências*. 3ª ed., Petrópolis. Edição das “Vozes de Petrópolis”, 1923, p. 22.

recém libertos e os mulatos – grande maioria da população – ainda não possuíam acesso à Educação.

Tais dados provocavam debates calorosos entre os intelectuais brasileiros que tentavam sobreviver das letras. Coelho Neto em uma de suas obras literárias, publicada em 1899, deixou transparecer a inutilidade de tanto esforço:

“-Dizem que a população do Brasil é de treze milhões.

-Mais ou menos.

-Pois bem: doze milhões e oitocentos mil não sabem ler. Dos duzentos mil restantes, cento e cinquenta lêem livros franceses, trinta lêem tradução, quinze mil lêem a cartilha e livros espíritas, dois mil estudam Augusto Comte e mil procuram livros brasileiros.

-E os estrangeiros?

-Ora, não lêem!

*-Não lêem! Isto é um país perdido”.*⁶

O cenário republicano, a nova conjuntura política, econômica e social do país, a expansão populacional urbana, intensificada pela vinda dos escravos libertos e o incentivo do governo à imigração estrangeira, contribuíram muito para a expansão da produção editorial e um aumento significativo no número de leitores. A sociedade urbana que surgia na Capital Federal já lia e compreendia a cartilha do capitalismo.

Frei Pedro Sinzig não poderia ficar fora desse filão com sua árdua luta pela moralização da leitura e da imprensa. Em 29 de janeiro de 1910, fundou outro veículo de combate à imprensa não católica – *O Centro da Boa Imprensa* – “Sociedade Cooperativa de Produções de responsabilidade limitada”. Uma instituição brasileira cujo principal fim era o de propagar a “boa imprensa” e difundir a “sã leitura”, no território nacional⁷.

O Estatuto do *Centro* foi composto em XII capítulos, nos quais frei Pedro explicitava, minuciosamente, o objetivo de sua empreitada e como conseguir capital para fazer funcionar o novo empreendimento. Utilizou-se de uma escrita enfática relacionando-a

⁶ Neto, Coelho. “A Conquista”. In: Machado Neto, Antônio Luís. *Estrutura Social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira*. São Paulo, Grijalbo/EDUSP, 1973, p. 291-292. Ver também o debate entre Bilac e João do Rio: “O Brasil lê!”. João do Rio. In: *Gazeta de Notícias*, 26. 11. 1903; “O Brasil não lê!”. In: Bilac, Olavo. *Crítica e fantasia*. Lisboa, A. M. Teixeira, 1904.

⁷ *Estatutos do Centro da Boa Imprensa*, arquivado na Província Franciscana Imaculada Conceição do Brasil – arquivo permanente, em São Paulo.

à alegoria religiosa para a sedução dos “amigos e pessoas de sentimentos nobres”, excitando-as a formarem pequenos grupos de contribuintes:

“(...) O meio prático de fundar um Grupo é bastante simples. Convidam-se amigos e pessoas de sentimentos nobres, falando-lhes da obra do Centro ou dando-lhes, para lerem atentamente, este folheto, que o Centro da Boa Imprensa mandará a todos que o pedirem.

*Cada um dos sócios do grupo, além de rezar todos os dias uma Ave Maria e a invocação supra a São Francisco de Sales, dá todos os meses, ao correspondente do grupo (que mandará tudo ao Centro) um pequeno óbolo, de 200 réis, 300, 500 ou até mais, conforme puder e quiser. O grupo estará completo, desde que a soma total das quotas mensais atinja a quantia de 10\$000 (dez mil réis) por mês”.*⁸

Os “sócios” ainda possuíam vantagens espirituais, como: missas celebradas na intenção dos associados “vivos e defuntos”, pelo menos três vezes ao mês; cinco indulgências concedidas pelo Papa Pio X nas festas do padroeiro São Francisco de Sales, São José, Assunção da Santíssima Virgem e no dia de sua morte haveria 100 dias de indulgências por todas as obras de “piedade e caridade” que “visem os fins da Boa Imprensa”. Ressalta ainda, que todas as indulgências plenárias e parciais “podem ser aplicadas às almas do Purgatório”, ou seja, se o “defunto” quiser, pode continuar contribuindo ou fazer uma pequena doação em testamento⁹.

Dessa forma, conseguiu novamente acionar a alavanca da impressão, mais um projeto audacioso em sua árdua luta pela causa religiosa. Graças a muitas “Aves Marias”, “invocações a São Francisco de Sales” e “Indulgências” o *Centro da Boa Imprensa* sai do papel e tornou-se uma realidade.

Constam como publicações do *Centro* as revistas mensais *A Resposta* e *A União*, a revista quinzenal dedicada ao público infantil *O Beija-flor* e *A Tela* (1919) – revista semanal distribuída por todo o território nacional, a qual possuía como objetivo “combater os abusos na exibição de filmes nos cinematógrafos”, fazendo um “saneamento” as películas exibidas. Utilizando os mesmos critérios do livro *Através dos Romances: guias para as consciências*, os filmes eram divididos nas categorias Drama e Comédia

⁸ *Estatutos do Centro da Boa Imprensa*, p. 05.

⁹ Sinzig, Pedro (Fr.). *O Raiar da Aurora*. Petrópolis, Centro da Boa Imprensa, s.d. (É um pequeno livro com “esclarecimentos” para os possíveis “sócios” do Centro da Boa Imprensa).

classificando-os como “inofensivos”, “com ressalvas” e “prejudiciais” ao espectador católico.

Mas o grande “O Diário” católico, “o líder dos jornais na Capital da República”, o qual combateria as “tendências perversas” que surgiam no novo contexto brasileiro, na tentativa de salvaguardar a moral católica nas “questões sociais” contra o “Deus Modernidade”, infelizmente, ficou sendo um sonho.

Frei Pedro novamente foi silenciado pela Igreja. O motivo desta vez foram os artigos polêmicos em defesa dos alemães no período da primeira grande guerra. Obrigado a retirar-se do Brasil em 1920 transferiu-se para Europa.

Dois anos após o exílio forçado, retorna. O *Centro da Boa Imprensa*, relatou Sinzig, não era mais do que uma lamentável ruína moral, e dos preparativos para *O Diário*, só restou a grande rotativa a enferrujar em um velho depósito alugado¹⁰.

“O Diário, o suspirado diário católico da Capital Federal!”. Frei Pedro teve que amargar esta derrota, uma das suas grandes frustrações, e o maior drama de sua vida foi precisamente ter visto malogrados os seus esforços pela fundação de um grande diário católico na cidade do Rio de Janeiro.

Após a decepção dedicou-se, exclusivamente à música, sua grande paixão. Tornou-se conhecido, por grande parte dos artistas e intelectuais como músico, compositor, musicólogo, regente de coros e de orquestras. Fundou e manteve-se como redator da revista mensal *Música Sacra*, sendo as suas obras musicais as que mais sobressaíram em sua vasta bibliografia, merecendo o devido destaque o Dicionário Musical publicado pela editora Kosmos.

Não há como negar que frei Pedro Sinzig era um homem de notável vigor físico e de pulmões que jamais se fatigavam, apesar de sua asma. Percebe-se na sua correspondência um homem de personalidade forte, e de uma inquietude típica dos intelectuais com o mundo a sua volta. Uma necessidade de sempre “mais”, nunca se contentava. Quando conseguia ultrapassar o obstáculo desejado já almejava saltar outro à frente.

Há uma frase de Sinzig que traduz a sua personalidade, “*não me considerem homem de paz e sim de guerra*”. Frase esta que percorreu toda a trajetória deste apóstolo da boa

¹⁰ *Vida Franciscana*. Fascículo XVIII, Ano XII, 1953, p.75.

imprensa, guerra contra tudo que pudesse abalar a religiosidade católica e os interesses da Igreja.

Bibliografia:

Abreu, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da leitura*. 1ª reimpressão, Campinas, Mercado das Letras, 2002.

_____. *Os caminhos dos livros*. São Paulo/Campinas, FAPESP/ Mercado das Letras, 2003.

Beuttenmüller, Leonilda. *Frei Pedro Sinzig*. Petrópolis, Vozes, 1955.

Broca, Brito. *Vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro, MEC, 1956.

Carvalho, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

Damazio, Sylvia. *Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro, UERJ, 1996.

Hallewell, Laurence. *O livro no Brasil (Sua história)*. São Paulo, T.A. Queiroz/EDUSP, 1985.

Lajolo, Marisa & Zilberman, Regina. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo, Editora Ática, 2001.

Machado Neto, A. L. *Estrutura social da república das letras; sociologia da vida intelectual brasileira (1870-1930)*. São Paulo, Grijaldo/EDUSP, 1973.

Miceli, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

Moura, Sérgio Lobo & Almeida, José Maria Gouvêa. “A Igreja na primeira República”. In: III. O Brasil Republicano – 2. Sociedade e Instituições (1889 – 1930). **Fausto, Boris** (Org.), Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997, p. 323-342.

Paiva, Aparecida. *A voz do veto, a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte, Autêntica, 1997.

Sinzig, Pedro (Fr.). *Através dos romances: guia para as consciências*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1923.

_____. *Reminiscências de um frade*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1925.